

Haroldo Hollanda

Crise econômica preocupa Sarney

Ministros de Estado que vêm tendo contatos diretos com o presidente Sarney nas últimas 48 horas o descrevem como um homem tenso e preocupado. Isso derivaria dos efeitos negativos da crise econômica que aflige o país, com as taxas de juros beirando a casa dos 300%. Segundo um dos seus colaboradores mais íntimos, que com ele convive há anos, no próprio círculo familiar há divergências sobre os rumos econômicos que o presidente da República deve imprimir ao seu governo. Há os que entendem, por exemplo, que o presidente Sarney deveria executar uma política econômica na qual só se valesse da opinião de técnicos e especialistas. O argumento invocado é o de que "se a economia vai bem, tudo mais irá bem, inclusive a política". No quadro oposto existem os que advogam a tese de que o fundamental, antes de tudo, é o presidente e seu governo se fortalecerem politicamente, não se deixando levar pela cabeça dos tecnocratas.

No entender de um dos seus ministros, Sarney se deixa orientar pelo velho estilo político de Getúlio Vargas, segundo o qual a própria evolução dos acontecimentos permite encontrar soluções políticas naturais para as mais diversas questões. Mas esse estilo de Vargas não se revelou sempre feliz, tanto que em meio a uma crise política-militar, para dela se sair, ele foi obrigado a dar um tiro no coração. Claro que a situação de hoje não tem nenhuma similitude com os acontecimentos de 54, que culminaram com o suicídio de Vargas.

Mas o problema, constata políticos que cercam o presidente e que se revelam dispostos a ajudá-lo, é que se faz necessário encontrar soluções adequadas para a crise econômica, antes que tudo isso venha a se refletir e desabar sobre a Constituinte. Há o reconhecimento por parte desses políticos de que será impossível aos constituintes tomar decisões serenas e sensatas num país conturbado economicamente. De acordo ainda com esse raciocínio, a Constituinte corre o risco de acabar sendo impedida de funcionar, não só pelo descontentamento popular, como pela ação política de grupos minoritários, que se servindo de clima propício irão criar todo tipo de embaraço e até impedir, pela obstrução as decisões da maioria do governo ali presente.

Há quem acredite que a reforma ministerial seria inevitável, até para proporcionar ao presidente Sarney a oportunidade de recompor a sua equipe econômica. No entanto, no meio político observa-se não ter sido detectado qualquer inclinação ou sentimento por parte do presidente da República de promover a reforma ministerial. Pelo contrário, ele vem dirigindo apelos a seus ministros para que permaneçam nas funções em que se encontram.

Os grupos políticos conservadores que se opõem, nos partidos e fora dele, à atual política econômica financeira receberam com desgosto as informações de que se o ministro Dilson Funaro sair do governo, seu substituto poderia ser tanto o atual ministro Celso Furtado como o deputado recém-eleito, José Serra. Segundo os conservadores, Serra ou Celso Furtado, por partilharem das mesmas convicções dos atuais detentores de decisões na área econômica, só iriam agravar o quadro de dificuldades em que se apresenta o país.

Se dependesse dos conservadores, o substituto ideal para Funaro no Ministério da Fazenda seria o ex-ministro Mário Henrique Simonsen. Não acredita, no entanto, que Sarney venha a fazer uma nomeação como essa, em virtude das reações em cadeia que o nome de Simonsen, provocaria junto a diversos grupos do PMDB, que o acusam de praticar uma política monetarista, da qual o partido discorda. Além do mais, amigos do próprio Simonsen observam que se Sarney aceitasse integrá-lo em sua equipe, isso seria visto no PMDB como uma indicação ou influência direta do ex-presidente Geisel, a cujo governo o ex-ministro serviu como titular da Fazenda.